

O Reclamo Dramático, de Engodo, do Começo do Século

Eduardo Campos

Fortaleza na década de 1910-19 experimenta paradoxalmente os momentos de progresso e os de dolorosa expectativa com a Primeira Grande Guerra. Mas é ainda uma província solidária com sua cercadura ecológica... Enfrenta a seca do 15; tem problemas de abate de gado, em 1916, quando a tradicional Feira de Gado de Parangaba, suspendendo seus trabalhos à falta de gado que não lhe chega normalmente, com semana de apenas 180 reses sacrificadas. Os preços sobem, oscilam de 80 a 110\$000; um desespero de carstia para aqueles idos.

Os flagelados acorrem aos trabalhos de prolongamento da Estrada de Ferro de Sobral. Há 1.500 oportunidades de emprego sob o sol inclemente, a 1\$000 por dia de trabalho. De Sant'Anna do Cariri, por esse começo de ano, vem a notícia de que se desfundam as nuvens em "chuva copiosa", seguidas de outras, fato que alegra os 680 retirantes albergados no campo de flagelados do Alagadiço, na Capital.

O primeiro anúncio diz bem da argúcia do comerciante cearense, adaptado aos novos dias:

"INVERNO!

A Casa Bayma acaba de receber um completo sortimento de excelentes galochas para homens, senhoras e crianças. É tudo que há de bom e sólido no gênero."

Mas é seca mesmo. Come-se mucunã no Cariri. O navio *Sírio*, autorizado por Sérvulo Dourado, diretor do Lloyd a mando do Ministro da Fazenda, prepara-se para seguir até o Pará conduzindo os expoliados pelo clima adusto. De 8 a 10 açudes vão sendo construídos. Sob assentimento das au-

toridades — registram os jornais — o Açude Catu é arrombado. Trinta mil pessoas deixam o Ceará pelo porto de Fortaleza. E chove. Mas chove de repente, muito, pelo menos nas cabeceiras do Jaguaribe de onde vindo muita água, a enxurrada, vai carregar mais de duas mil vazantes. Em número de 15, comentam as notícias, produzia-se arroz, feijão, melões, melancias... e milho.

Mota & Correia, nesse ano fatídico, nada podendo receber de seus devedores, como refere em anúncio de jornal, avisa que publicará “do fim deste mês em diante (janeiro) um balanço geral de seus devedores, a data da compra etc.” Ameaça, feroz: “Não se omitirá o nome de quem quer que seja; seja ele fidalgo de sangue azul. É um balanço total, e quem assume a responsabilidade da publicação é o reumático Francisco Mota, que, embora doente, alquebrado e trôpego, conduz consigo *espinhos de favela*, que fará retroceder o valentão, que, julgando-se ofendido pela publicação, queira agredi-lo.”

Foi quase uma guerra, no Ceará. Só em Fortaleza morreram no decorrer de 1915 3.264 pessoas. Mas assim mesmo a sociedade não perde seus hábitos. O leiloeiro José Bastos de “família que retira-se para a sede da República”, vende 1 grupo de mobília austríaca com sofá e seis cadeiras, 1 estante de cedro para livros com respectiva banca, porta-chapéus, guarda-livros (de cedro), almofadas, toalhinhas para adorno, não faltando 1 magnífico Psyché de cedro com espelho besunté e mármore...

Há *toilettes* americana, também de mármore e espelho de cristal, cabides da Hungria; gramofones marca *Victor*, acompanhados de coleções de discos; máquinas de costuras *Singer* e *New-home*.

Dois anos depois, um inteligente comerciante organiza o negócio de lenha. Vai vendê-la ao pé dos domicílios. “O carruceiro entregará a lenha retirando os arcos de ferro imediatamente.” É que a madeira já é servida serrada, cortada à máquina, própria para fogões econômicos... diz o anúncio

A 28 de março de 1918 Manuel Felício de Sousa e José de Faria vão às páginas do *Correio do Ceará* reclamar com veemência: “Assiduamente, muito cedo, pela manhã, até certas horas do dia, inúmeros indivíduos tomam banho em estado de completa nudez na praia por detrás do gasômetro...”

O cigarro *Acácia* concorre, em qualidade, com o *Stella*. Do primeiro, tem-se os versos:

“Não há verdade nenhuma
Maior do que esta verdade:
— Cigarro ACÁCIA quem fuma
Não fuma outra qualidade.”

Do segundo, olhe-se a quadra:

“Sarampão, febre amarela,
Influenza ou bailarina
Não tem, quem se determina
A só fumar cigarro STELLA.”

Manuel C. Rocha, o famoso Manezinho do Bispo, a 17 de dezembro desse ano diz pelo *Correio do Ceará*, seguramente estomagado com os seus opositores, debicadores: “O escritor não pode agradar a todos e não há esse que não tenha tido aborrecimento na vida literária”.

A Rua General Sampaio está à venda uma jumenta com cria: “Magnífica de leite. Motivo de Viagem.”

Quem não possui piano, pode alugar um tratando com A. Oliveira Amazonas, na “Rua Barão do Rio Branco, 67 antigo, e 27 atual.” Os meninos têm aulas que principiam às 10 h da manhã e se prolongam até às 3 h da tarde. As meninas brincam de roda e os garotões de “mancha”, “barra”, “Foot-ball”, “eixo”, “salto”, não faltando o jogo da “cabecinha” ou do “amarelo”.

Em 1916 o educador Od. Castello Branco conta também essas coisas, dizendo mais que “alguns (meninos e meninas) trazem de casa a cantiga da “roda”; e tem-se, de tal modo, exposição completa do que se brinca e do que se canta na “cidade”, na Tijubana, nas Cambirimbas, no Morro do Moinho, no Outeiro, na Praia do Peixe, na Baixa Preta, etc., etc.”

É uma década de grandes emoções e, por isso mesmo, de intensa tristeza. Aos jornais acodem os leitores sentimentais e mórbidos. Quem é chamado ao Reino de Deus ganha versos sentidos, dolentes: Manuel Monteiro deplora a morte do mano querido.

“Dormes na sepultura: antes assim!
Os que o Céu favorece morrem cedo.
Eu, quanto mais conheço o mundo tredo,
Mais invejo a tua paz, pobre Joaquim.”

Aquele educador saudosista, Odorico Castello Branco, comparece às páginas do *Correio do Ceará* (9 de setembro de 1915), a lamentar-se pela perda de Arina Santa:

“Pode ingrata memória um bem querido
Que ontem foi olvidar ingratamente
Pode o tempo varrer de nossa mente
O prazer desfrutado, o mal sofrido

Secar bem pode o pranto sentido
Que pelas faces corre, amargo, ardente;
Em sorriso de gozo, finalmente,
Mil vezes se tornar triste gemido

Mas não pode olvidar-te, Arina Santa...

Mas o importante é dizer versos, sejam tristes ou piegas. A "graciosa senhorita Estephania Mendes", em 1915, é homenageada com estes:

"Da escola quando as meninas
Regressam — rindo e cantando,
Cantando e rindo — traquinas;
Faz lembrar alegre bando
De borboletas voando
Por verdejantes campinas."

Unitário alardeia as qualidades, em anúncio, d'A *Saúde do Homem*, que cura "impotência (até a idade de 90 anos), nervosismo, falta de memória, beribéri, terrores noturnos, anemia, insônia, falta de apetite, neurastenia, dispepsia, linfatisimo, adinamia, poluções noturnas, paralisias, esgotamentos nervoso, fraqueza cerebral, furúnculo, fofaturia, cansaço, moléstias de espinha, reumatismo, etc."

Quem sabe lá o que estará nesse etc!...

O Batalhão Militar do Estado tem tabela para retretas, organizada — admirem-se! — pelo próprio coronel comandante: baile com recepção: 150\$000; baile carnavalesco, 200\$000; passeata carnavalesca: 150\$000; passeata ou recepção:..... 100\$000.

Em 1912, as vizinhas já não se conformam com os seus próprios amores. Conta o *Unitário* do dia 6 de fevereiro:

"Isabel Mathias Ribeiro, casada religiosamente com Francisco Raimundo Gonçalves, queixou-se contra a sua vizinha Sebastiana de tal, que procurou tomar-lhe o marido..."

Há, no entanto, mulheres mais crédulas. É o que se pode ver pela notícia do mesmo jornal, informando a queixa de Romana de Queiroz Lima contra o sr. Manoel Monte da Rocha, "a quem deu dinheiro para comprar uma casa que lhes servisse de abrigo depois de casados." Pensando matrimoniar-se, relacionou-se sexualmente com o dito, do que resultou um filho. E ocorreu então do finório Manoel "não querer mais casar-se com a queixosa, nem lhe restituir o dinheiro."

Não fica aí o drama, "Chamado à presença do delegado, o sr. Manoel Monte confessou a dívida (as duas) e ter bons

intuitos de solvê-la, o que fará por meio de prestações. Assim ficou resolvido o caso.”

Nesse cenário de acontecimentos de todos os tipos e implicações, a partir de 1912 passam os periódicos a acolher, a mais freqüência, notícias de inspiração policial. Parece acontecer de um tudo, desde o caso de menino aplicador do chamado “golpe das compras” (consistia em pedir alguns objetos pelos quais fingia interessar-se, e ao fazer o dono da casa comercial retornar às prateleiras, para o atender mais uma vez, fugir), até o de pressuposto “terrorista” — já a esse tempo! — inusitado cidadão de nome José Moreira de Sousa, “encontrado soltando bombas de dinamite”.

Tudo indica avolumar-se o interesse do leitor por essa espécie de informação veiculada antes também, mas com bastante parcimônia. A cidade quer agora saber quem foi preso jogando “cara ou coroa”; quem andou “pronunciando palavras obscenas” pelas ruas; quem, vindo de uma pescaria, como aconteceria a João Virgínio, “ao passar na Cachorra Magra recebeu algumas cacetadas, na cabeça, e outras nas costas”, como registra *Unitário* em edição de 5 de fevereiro do ano em causa.

Tenha-se em mente a cópia de acontecimentos por esses dias fazendo a crônica policial. Só no decorrer do mês de fevereiro são recolhidos ao xadrez 90 indivíduos, a maioria por embriaguês (35), havendo os detidos por desordem (27), por ferimentos leves (12), etc., etc

Neste ano parece começar o abuso dos jovens, ainda que não mencionados sob designações que vigiriam em nosso século. Ninguém se preocupa em encontrar definição que melhor se ajuste aos rapazes que, organizados em grupo, cumprem perigoso programa de vingança, e passam a atuar em Fortaleza, tudo como se toma conhecimento pelas páginas do mesmo jornal de 2 de março.

“Um grupo de meninos de 11 a 17 anos de idade fundaram uma sociedade denominada *Mão Negra*, que tinha um programa sinistro, do qual pertencia um artigo que lhes permitia vingar-se dos inimigos, sendo que, na ocasião de ser levada a efeito a vingança, tomavam ao rosto uma máscara encarnada.

Começaram a 3 execução do programa pela mercearia do sr. Pedro Alves Nogueira, à praça de Pelotas, e aí rebolaram uma pedra de calçamento ocasionando-lhe um prejuízo de 18\$000.

O proprietário da mercearia levou o fato ao conhecimento do delegado de polícia, a quem deu o nome de dois dos associados.

Pelas investigações policiais foi descoberto que eram 17 meninos.

Convidados a comparecerem ao gabinete do dr. delegado, aí se comprometeram a indenizar o prejuízo do sr. Alves Nogueira.

O dr. delegado intimou-os a dissolverem a sociedade malfeitora sob penas previstas em lei.”

Esse clima de suspense e de curiosidade, que passou a envolver a cidade, acabaria por despertar um novo tipo de publicidade, seguramente mais engenhosa, que a titulamos de “publicidade dramática”, ou de engodo, que se inicia com o anúncio mascarado em nota policial, conforme publicação de *Unitário*, a 30 de janeiro de 1913:

“OS AMIGOS DO ALHEIO NUMA CASA COMERCIAL

Rebate falso

Reclamo que não se encomendou.

Ontem, cerca das 9 horas da noite, os proprietários da casa comercial desta praça, os srs. R. Guedes & Cia., foram avisados por um guarda civil, que estava a serviço à Rua Major Facundo, esquina da Senador Alencar, onde têm casa de comércio, de que algo de anormal se passava em seu estabelecimento, presumindo-se que, na ocasião de fechar-se o mesmo, alguém, sorrateiramente, tenha se escondido, a proceder a algum roubo. Incontinenti, para ali se dirigiram os chefes da casa; ao chegar às suas imediações, notaram grande agrupamento de povo e de guardas-civis, que estabeleciam verdadeiro cerco ao prédio. De fora, ouviam-se rumores confusos de vozes e outros ruídos, que partiam de dentro. Aberto o estabelecimento e aceso um bico de gás, notaram todos, surpresos, que aquele rumor, que agora mais distintamente se ouvia, era produzido por um esplêndido gramofone automático, que, à surdina, executava um arranjo cômico de muito chiste, das últimas novidades da Casa Edison, que os srs. R. Guedes & Cia. receberam há poucos dias. Os proprietários, satisfeitos com o ótimo reclamo que, sem esperar, fizeram de seus gramofones e discos, pediam desculpas aos presentes pelo incômodo que tiveram, e ao mesmo tempo louvavam o policiamento da guarda civil, sem o concurso da qual não teriam feito o presente reclamo.”

Diante do êxito do reclamo, como se dizia então, os srs. R. Guedes & Cia. elaboram outro, deslocando as atenções para o interior do Estado. Pelo jornal *Unitário* fazem publicar uma notícia transcrita d’*O Jaguaribe* (de Aracati), dizendo que naquela cidade um de seus ilustres filhos, interessado nos problemas de aviação, depois de trabalhar “com afinco e pa-

ciência na construção de um aeroplano de seu invento”, ante a admiração de toda a população sobe aos ares em vôo “levado a efeito às 4 horas da tarde”. Sobre a multidão basbaque o piloto fez cair “uma densa nuvem de pétalas de rosas e avulsos multicores”.

E se veja agora o que estava escrito nos tais avulsos: “Salve filhos da Terra da Luz! Levai o progresso a todas as partes do mundo civilizado e espalhai em vossa passagem que a casa R. Guedes & Cia. acaba de receber um importante sortimento de gramofones e um piramidal sortimento de discos da Casa Edison, do Rio de Janeiro, e está vendendo por preços excessivamente baratos.”

Não se davam, isolados, os anúncios desse tipo, apelando para o clima de surpresa em que poderia se envolver o leitor incauto; o exemplo da casa R. Guedes & Cia. não ficou sem seguidores. Logo a Petisqueira, popular casa de pasto, havia de aplicar o mesmo golpe expediente.

Não haveria de durar muito esse negócio da Petisqueira. Por volta de 1915, mais precisamente pelo mês de julho, o inteligente e trêfego proprietário do restaurante apelava até para a inspiração poética, desejoso de se fazer procurado pelos seus eventuais clientes:

“Quem quiser passar bem
Estando na quebradeira,
Vá à Rua Rio Branco —
Almoçar na *Petisqueira*

Amanhã, que é domingo,
Tem boa panelada,
Perú, borrachos, lombos,
E Dona Cumbe *Mofada*

Além de peixe e camarão
Porco, carneiro e fritadas,
Macarrão, presuntos e doces,
Drogas, e bebidas geladas.”

O prato custava apenas 600 réis. O fiado — está bem sublinhado em quase todos os anúncios — não tinha vez com o dono da Petisqueira.

Inovador, o homem. Em 1912, quando se inaugurou, garantia um serviço de “fornecimento de mesada”, “como também para as casas de família.” Teria sido assim a precursora das casas fornecedoras de marmita... Em 1912!

Em anúncio do dia 4 de julho desse ano, avisava: “Preços, não se publicam. Só não se admite é o Fiado, isto é, proibido expressamente, é mais cômodo aguentar-se o nome de filho da mãe, do que ouvir aquela palavra imoral, indecente, de FIADO. Salvo seja o cidadão, que não obstante, deverá acompanhar-se de um Cyrineo.”

Em 1915, como as coisas não saíssem bem, o proprietário resolveu apelar para tudo. Foi quando utilizou o *reclamo* dramático, de engodo, com esta notícia figurada por transmitida diretamente do Rio de Janeiro, em despacho telegráfico:

ÚLTIMA HORA

Rio, 16 — Acaba de efetuar-se o duelo entre Barbosa Lima e Pinheiro Machado. O encontro se deu no Jardim Zoológico. Enorme multidão estacionada fora do jardim. Grande força de cavalaria postada em frente ao portão evitava o ingresso do povo. Eram doze horas do dia quando ouviram-se duas detenções, que produziram no auditório verdadeiro calafrio devido ansiedade que havia de ser o Glorioso Tribuno, Barbosa Lima, o vencedor. Passados uns quinze minutos e nada se sabendo do resultado, o povo num desespero indomável precipitou-se sobre o jardim, havendo neste momento terrível carga de cavalaria.

Na desordenada carreira do povo, penetrou mor parte na PETISQUEIRA da Rua Barão do Rio Branco, 56, e lá encheram o bandulho com pratos reforçados e comidas bem feitas a 600 réis o prato. E foi uma vez o duelo. — Todos aguardarão o domingo (18) para a grande panelada na PETISQUEIRA e nunca assás esquecida *cumbiana* mofada, que faz o cidadão chorar ao meio-dia.”

Haveria de passar esse tipo de publicidade, pelo menos nessa década referida, quando uma boa casa, na Rua da Trindade, com bons cômodos, quintal arborizado, era vendida por 2:300\$000. O Hotel Pirapora, em Maranguape, tinha “bebidas geladas ao natural, última invenção do proprietário”; carções eram importadas da Inglaterra; um litro de leite puro custava 600 réis o litro; o Mercado Público vendia por dia 142 quilos de peixe... e de camarão, 5!

Já perto de expirar a década, os jornais acolhiam notícias contra a moda imoral. O cardeal Mercier voltava-se contra os alfaiates “sem consciência” e que tiravam “proveito das paixões mais baixas, procurando lisonjear os sentidos e tornar a sedução geral.”

Dirigindo-se às Mulheres Cristãs, que formam um número avultado, para ouvir-lhe a palavra de exortação, disse: "Cada qual dessas doze mil considere um dever não trazer senão bem fechados vestidos, sem artifícios inventados pela sedução."

Era uma época bastante curiosa, e também sofrida. E paradoxalmente alegre. Assim passou, deixando essas recordações.